

A PERSPECTIVA POLÍTICA DE A. P. LOPES DE MENDONÇA NAS PÁGINAS DA *REVOLUÇÃO DE SETEMBRO*

Julianna de Souza Cardoso Bonfim
Doutoranda em Literatura Portuguesa (UERJ)

RESUMO

A. P. Lopes de Mendonça, escritor português da primeira metade do século XIX, apresentava fortes ideais políticos, o que influenciou sobremaneira sua obra literária, publicada em jornais e revistas. Além da literatura, Mendonça recebeu destaque como articulista político por sua colaboração no jornal *A Revolução de Setembro*, onde pôde fazer uso de seu estilo incisivo e irônico para manifestar oposição à situação política portuguesa de sua época. Flertava já com ideais socialistas, que, de certo modo, antecipava em Portugal, através dos periódicos para os quais escrevia. Autor do insigne romance *Memórias dum doido*, A. P. Lopes de Mendonça produziu também crônicas e contos, nos quais se evidencia o gênio do escritor. Nosso trabalho propõe-se a analisar brevemente como se deram as representações das transformações sociais, políticas e de costumes do século XIX nesses textos curtos, a fim de, dessarte, valorizar esse segmento pouco tocado da obra mendonçiana.

PALAVRAS-CHAVE: Lopes de Mendonça – Literatura Portuguesa – Dezenove - Política

ABSTRACT

A. P. Lopes de Mendonça, Portuguese writer of the first half of the nineteenth century, had strong political ideals which had great influence on his literary work published in newspapers and magazines. Besides literature, Mendonça was featured as a political columnist for his collaboration at the newspaper *A Revolução de Setembro*, where he could make use of his incisive and ironic style for expressing political opposition to the portuguese situation of his time. He flirted with socialist ideals anticipated, in some way, by him in Portugal through the journals for which he wrote. Distinguished author of the novel *Memórias dum doido*, A. P. Lopes de Mendonça also produced chronicles and shortstories where is evident the genius of the writer. Our work proposes to briefly analyze how the representations of social, politics and habits transformations of the nineteenth century appear in these short texts, in order to, thus, appreciate this segment rarely mentioned in Mendonça's work.

KEYWORDS: Lopes de Mendonça – Portuguese Literature – Nineteenth Century - Politics

Como bem afirmou Manuel Pinheiro Chagas, “os grandes da inteligência são também muitas vezes os grandes do infortúnio” (CHAGAS, 1866, p. 248). A. P. Lopes de Mendonça foi, sem dúvida, um desafortunado, ou, como afirma Bulhão Pato, nasceu com “o selo do gênio e da desventura” (PATO, 1877, p. 97).

Lisboeta, de família pobre, e tendo permanecido nessa condição durante toda a vida, Mendonça foi um dos primeiros autores portugueses a viver de literatura. Conforme assevera Bulhão Pato, “ninguém em Portugal [...] foi tão desamparado nas letras e tão filho de suas obras, como Lopes de Mendonça” (PATO, 1877, p. 103).

Com apenas 17 anos, em 1843, faz sua estreia literária, com *Scenas da vida contemporânea*. Não lhe pouparam críticas, apesar da pouca idade; o autor teve aí uma prévia de como seria toda a sua trajetória literária. Escreveu folhetins, gênero no qual demonstrou elevado talento, entre os quais merecem relevo *Memórias dum doido* – por muitos críticos considerado sua autobiografia –, *O último amor* e *Recordações de Itália*. Contudo o que lhe garantiu destaque no seu tempo foi seu trabalho como articulista nos jornais que faziam oposição ao cabralismo e depois à regeneração, sobretudo n’*A Revolução de Setembro*.

Como colaborador deste jornal, Mendonça criticava pesadamente o governo e as instituições, por meio de artigos que por vezes transbordam ironia e por outras são incisivos e diretos, como se nada o autor tivesse a perder. O envolvimento de A. P. Lopes de Mendonça em periódicos foi tão marcante que ele chegou a fundar, juntamente com outros autores de inclinação socialista, o jornal *O Eco dos Operários*, cujo objetivo era unir um operariado já existente, porém ainda não muito bem organizado como classe. Nesse jornal, além de serem público-leitor, os operários também colaboravam – uma forma de dar voz a esses entes pouco ou nada considerados na conjuntura do Portugal oitocentista.

Além de escritor, Mendonça foi sócio efetivo da Academia das Ciências e, conquistou a cátedra de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras.

Faleceu em 1865, depois de longa internação no hospício de Rilhafoles.

Bulhão Pato, ao recordar o amigo, indica que este fora reconhecido por José Estêvão, ainda bem jovem, como “não só um homem das letras, mas uma cabeça política de mérito superior” (PATO, 1877, p. 121), exaltando a vertente combativa e audaciosa da escrita mendonçiana.

Além da colaboração nos jornais, a despeito da pouca atenção dispensada à obra em folhetim de Mendonça, é possível encontrar ideias bastante críticas e ironias como poucos sabem empregar nos romances do autor. Admirador de grandes nomes como Garrett e Herculano, A. P. Lopes de Mendonça – rotulado equivocadamente como ultrarromântico, era partidário do mesmo Romantismo destes: um Romantismo que era para ele mais que uma escola literária, mas um fato social, cujo legado recuperou o atraso cultural do país, abriu novas perspectivas pela influência europeia, avivou a consciência da individualidade nacional, entre muitos outros avanços (RIBEIRO, 1980, p. 273).

Mendonça, assim como o já citado Garrett, encarou o trabalho literário como um compromisso com a formação dos leitores. Parte de uma geração cujo papel foi “salvar o país do adormecimento e o povo da indiferença” (RIBEIRO, 1980, p. 273), ele acreditava no poder transformador da literatura. Para ele, a sociedade precisava se reconhecer no romance, que era – retomando uma metáfora de Stendhal em seu clássico *O vermelho e o negro* – “como um espelho [...] aonde a sociedade mirando-se e reconhecendo-se vê a realidade [...] e ao mesmo tempo as paixões e os desejos [...] purificados e absorvidos por um esforço de imaginação” (RIBEIRO, 1980, p. 288).

Como ensaísta, mostrava temor de que a literatura romântica enveredasse demais por sentimentalidades, e por isso mesmo pretendeu fazer uma literatura combativa, que se ocupasse das mazelas sociais que acometiam o homem de seu tempo. Em suas palavras, em *A poesia e a mocidade*, “a poesia pode decerto percorrer o ciclo das emoções individuais, mas tem de tomar parte do movimento revolucionário, e de inspirar-se nas ideias que tentam reconstruir, compor de novo – a sociedade moderna” (MENDONÇA apud RIBEIRO, 1980, p. 274), isto é, sem abandonar as emoções, o romantismo deveria priorizar a formação do leitor, o processo civilizacional.

Para Júlio César Machado, “a poesia das Marílias e das Márcias’ Mendonça vinha substituí-la por uma literatura em que dominava ‘o sentimento moderno, o gosto, a ironia’, o mesmo é dizer, ‘o espírito, a observação, a filosofia’. Um ‘literato moderno na mais atraente intuição desta palavra’, que unia ‘melancolia e graça’” (MACHADO, 2007, p. 37). Lopes de Mendonça não escrevia somente para entreter, mas para denunciar, para conscientizar. Assim como o autor de *Viagens na minha terra*, Mendonça

compõe uma leitura de observação, de combate, de reflexão sobre os impasses mais pungentes do homem de seu tempo: escreve folhetins, que abarcam os costumes, a política, os tipos sociais, os usos literários, os afetos que atam e desatam a vida contemporânea (DAVID, 2007b, p. 38).

Sua obra, da qual não se pode dissociar o elemento político, debruçou-se sobre as problemáticas sociais de uma época conturbada em toda a Europa, momento de Revoluções e movimentos que mudariam definitivamente a trajetória dos países.

POSIÇÃO POLÍTICA

A posição política de Lopes de Mendonça é bem marcada e declarada. Liberal, filiado à política jacobina, foi um dos precursores dos ideais socialistas em Portugal, poucas vezes tolerando a moderação.

Como colaborador de *A Revolução de Setembro*, pugnava pelos ideais do Liberalismo – liberdade, igualdade e fraternidade – em defesa das classes menos favorecidas e contra a aristocracia corrupta, denunciando todos aqueles que se pusessem no caminho das conquistas do povo, para o qual ele defendia diretos iguais:

a liberdade é tão valiosa quanto a justiça social; e a justiça social consiste ou consistirá, precisamente, em criar as condições, *todas* as condições, que permitam a todos idêntica liberdade. [...] se sem a liberdade não tem sentido a condição humana, sem justiça social não há, nem pode haver, homens efectivamente livres (MENDONÇA apud SERRÃO, p. 39).

Em seu artigo no jornal *A Revolução de Setembro* de 26 de setembro de 1853, em que trata da criminalidade em Portugal, ele defende a aproximação das classes, culpando a falta de progresso pelas mazelas do país:

para que inimizades loucas se desvançam, para que o sistema da *vendetta* córsega desapareça do carácter das populações, é necessário aproximá-las, tornando-as solidárias pelos interesses, pela indústria, pelo comércio. As estradas, os canais, os *caminhos de ferro*, a instrução, e o crédito terão mais poder para arrancar os vestígios dessa barbaridade tradicional, de que um exército de esbirros, de guardas municipais, de escrivães, e de meirinhos.

Mais adiante, nesse mesmo artigo, ele defende a instrução e o estímulo à indústria como formas de dissipar a violência, já que, no seu entender, um avanço estaria atrelado a outro, e os benefícios seriam verificados em múltiplos aspectos da sociedade. Ater-se ao que ele chama “questões secundárias” possibilitaria “conceder ao país os melhoramentos materiais, e as excelências de civilização, sem as quais os progressos da ordem pública, como os da ordem moral, são completamente impossíveis”.

ATIVISMO

Sua participação na causa liberal não se restringe à colaboração nos jornais em que escrevia; Mendonça participou das revoltas populares, combatendo ao lado dos liberais radicais. Entre as revoltas das quais participou, podemos destacar a da Maria da Fonte, como se comprova pelo testemunho de Bulhão Pato a esse respeito: “Depois da conspiração do paço, de 6 de outubro de 1846, Lopes de Mendonça empenhou-se na luta popular da ‘Maria da Fonte’” (PATO, 1877, p. 99) e, em seguida, a Guerra da Patuleia, contra os cartistas.

Além disso, era um homem do povo, que vivia pelos bairros boêmios. Segundo Ribeiro (1980, p. 41), ele acreditava que “para se fazer o romance de atualidade, de análise de costumes, não era possível fazê-lo encerrado num gabinete, mas vivendo”. E dessas suas vivências o autor de *Memórias dum doido* encontrava material para redigir seus textos críticos. A sociedade portuguesa era o objeto primordial de sua “literatura de observação”, e seus folhetins demonstram isso, tratando de assuntos que retratam uma época: “os costumes, a política, os tipos sociais, os usos literários [...] o amor, a política, o progresso, os bailes, o teatro, as viagens” (DAVID, 200b, p. 40).

Para Lopes de Mendonça, o intelectual era um sem lugar naquele mundo, assim como o louco. A vida, para ele, não se podia estudar nos palácios, mas era na miséria que se encontravam “as rugas da reflexão” (MENDONÇA apud DAVID, 2007b, p. 41).

Sentia-se pouco à vontade em lugares de muito luxo, nunca aprendera a ser ponderado nas atitudes e nos discursos, achando o comportamento afetado da classe mais abastada abominável:

não há peito que possa respirar essa atmosfera de abominação, e de mentira. Essa sociedade licenciosa e ímpia prostra-se nos templos, e faz sermões de moral nas salas aonde se enxerga a todas as delícias da vida, e deixa depois expirar de fome à porta do seu palácio o seu irmão vergado pela dor, o mártir do trabalho (MENDONÇA, s.d., p. 227).

LIGAÇÃO COM A REGENERAÇÃO

Mendonça foi ferrenho crítico da Regeneração – regime que contava com o apoio de muitos, mas que ainda não bastava para resolver os embates políticos e sociais do dezenove. Para ele, a Regeneração era ‘o absolutismo empacotado’, e Rodrigo [da Fonseca Magalhães], o ‘rei dos pasteleiros’¹ (DAVID, 2007a, p. 191).

Com a morte de D. Maria II e, por consequência, início da regência de D. Fernando, em 1853, Lopes de Mendonça adere a esse regime, provavelmente por considerar que, nesse momento, o novo sistema (que vigorava desde 1851) havia já ampliado as liberdades e privado a aristocracia de muitos de seus privilégios.

A aproximação de Mendonça com a Regeneração nunca foi incondicional, e talvez se expressasse no que o novo sistema podia propiciar de liberdade, de diminuição de privilégios à velha aristocracia e aos novos “barões”, de melhorias materiais que favorecessem a civilização, de benefícios concretos aos “ignorados artifices do mundo novo” (DAVID, 2007a, p. 193).

Assim, o folhetinista d’*A Revolução de Setembro* reconhecia, nesse regime, alguns benefícios, como o progresso material e a expansão do ensino, por exemplo. Em 1856, em artigo d’*A Revolução de Setembro*, ele, inclusive, defenderá a Regeneração, ponderando que a análise do regime deve ser feita tendo-se em conta o contexto em que ocorreu, e com todas as circunstâncias envolvidas:

O nosso ponto de vista deve ser referido ao tempo, à situação do país, às relações dos partidos, aos precedentes históricos, às paixões que acanham as ideias, e aos interesses, tão poderosos nas classes, e nas associações, quanto nos indivíduos (*Jornal A Revolução de Setembro* de 2 de fevereiro de 1856).

POSTURA EM RELAÇÃO À IGREJA

Lopes de Mendonça professava o mesmo cristianismo de Garrett, “um cristianismo esclarecido, de ‘origem democrática’, inspirador do direito social no protesto contra a injustiça e na apologia dos ideais de igualdade e fraternidade” (RIBEIRO, 1980, p. 31). Nas palavras dele: “Eu acredito no cristianismo... dele há-de derivar a emancipação do homem” (MENDONÇA apud RIBEIRO, 1980, p. 279).

Em *Recordações de Itália*, ele ataca os casamentos arranjados, tão comuns à época, mas, para ele, um desrespeito aos preceitos cristãos:

computado, somado, exposto, verba por verba, o dote da mulher, [...] é um arrendamento, e não um matrimónio: o marido é uma espécie de rendeiro, que toma um dote por empreitada [...] a prostituição moral atinge os últimos limites da infâmia. [...] Que faz então essa religião, recheada de conventos, que consente assim a prostergação solene de toda a poesia, de toda a grandeza ideal do consórcio – da comunicação purificada pelos preceitos divinos do Evangelho, e da eternidade? (MENDONÇA, 1852, p. 92)

Lopes de Mendonça estava ligado ao século das Luzes, baseado na Razão, mas “tudo matizado por certa inspiração em princípios cristãos” (DAVID, 2007b, p. 39), como se evidencia em vários momentos de sua obra *Memórias dum doido*:

século maldito, que renegaste o Cristo, e que afastas os olhos do céu! O teu Deus é a ciência, a tua fé, a liberdade; engrandeces o teu orgulho nas mais frenéticas aspirações, e resignas-te ao pensamento de ter por lençol algumas camadas de terra, perdendo a esperança da bem-aventurança prometida aos que amaram, aos que sofreram cá na terra! (MENDONÇA, s/d., p. 145-6).

“É feliz o homem que vê brilhar no céu a luz de uma consoladora esperança. Só a fé dá resignação para afrontar as vicissitudes da vida. O maior homem deste século, expirou com os olhos na cruz, símbolo da redenção” (MENDONÇA, s/d., p. 162).

Apesar de se afinarem quanto aos princípios cristãos, Garrett e Lopes de Mendonça divergiam em suas opiniões acerca da Igreja Católica; enquanto aquele criticava apenas os maus padres, mostrando, em suas obras, um padre correto, que servisse de contraponto, este direcionava sua crítica à Igreja como instituição, conforme se verifica em crítica feita à obra *O Arco de Sant'Ana*, em que Mendonça adverte que

os romances podem, dentro de uma esfera, doutrinar o espírito das gerações, tornarem-se um elemento de propaganda intelectual; mas não acreditamos, que o Arco de Sant'Ana conseguisse este fim, traçado na graciosa e elegante miniatura de um facto isolado (MENDONÇA apud DAVID, 2007b, p. 39-40).

Garrett deveria ter sido, sob o prisma escolhido por Mendonça, mais incisivo, mais abrangente.

Ressalte-se que os princípios cristãos defendidos coincidem com os princípios socialistas, os quais ele também professava:

a humanidade sem religião, sem ideal, seria como um viandante perdido num deserto de trevas: a luz, trêmula, mal distinta um momento, há de brilhar de novo com esplêndido fulgor: o egoísmo das cifras há de morrer como a brutalidade das armas, e o arbítrio da força: e no meio das ruínas desses sistemas desvanecidos, há de erguer-se outra vez a cruz, porque a cruz é eterna! (MENDONÇA, 1852, p. 48-9).

O PAPEL DA MULHER

Fez-se necessário abrir um tópico sobre as considerações de Lopes de Mendonça sobre o papel da mulher na sociedade portuguesa do século XIX, pois esse assunto é bastante recorrente. Em vários momentos de *Recordações de Itália*, são expostos pensamentos em relação à função.

Separada da sociedade pelo vício, eliminada da humanidade pela miséria – mulher! de balde te arrependes, de balde invocas a Deus no céu, e a religião na terra; só tens o desprezo por patrimônio: assim o quer essa sociedade hipócrita e corrompida, assim o publicam às vezes mil bocas [...] só tens por único horizonte, por derradeira ambição, elevares-te à aristocracia da devassidão; porque então nesta civilização bastarda, o vício às vezes é tão respeitado, tão idolatrado como a virtude: deixa de ser um objeto de

desprezo, para se tornar quando muito um assunto de escândalo (MENDONÇA, 1852, p. 46).

Ele reconhece que a postura da mulher naquela época era algo imposto socialmente: “Socialmente, e *como a civilização a modifica*, é um ser frágil, cujos cabelos exalam odoríferos perfumes, cujas mãos acetinadas calçam luvas, que as preservam do ar frio e da atmosfera, cuja voz é pausada, mórbida e insinuante [...]” (MENDONÇA, 1852, p. 242).

Certos discursos parecem bastante feministas e adiantados: “Abomino que a mulher seja escrava: quero-a emancipada pela inteligência e pelo coração” (MENDONÇA, 1852, p. 102), mas, ao mesmo tempo em que se mostra avançado, o autor também reproduz algumas ideias típicas da época:

a mulher que se faz igual do homem, que atira à pistola, que adormece com os loiros ou os negros cabelos sobre a mesa de uma orgia, conservando nas mãos estrangulando o gargalo de uma garrafa, perde essa imensa superioridade, que a torna respeitável e sagrada aos olhos de um homem (MENDONÇA, 1852, p. 103).

A um leitor desavisado, os discursos de Lopes de Mendonça podem soar contraditórios. Contudo, esse era o pensamento tido como “normal” e “correto” da época. Não se deve, portanto, taxá-lo como machista, por exemplo, por apresentar ideias condizentes com seu tempo. Contextualizando-se as ideias, o pensamento do escritor em relação à mulher na sociedade não era contraditório, mas talvez mesmo um pouco à frente do senso comum do seu tempo, já que ele considerava positivamente alguns dos direitos femininos que só foram por elas conquistados muitos anos depois.

CRÍTICAS AO ABSOLUTISMO

No artigo *A literatura e a sociedade em Portugal* (Jornal *A Revolução de Setembro* de 24 de junho de 1855), Mendonça debate sobre a literatura e a sociedade portuguesa durante o regime absolutista; literatura esta que, segundo ele, era superficial, sem contribuir em nada para a sociedade, não sendo mais que um “passatempo”:

quando os vestígios do velho absolutismo, foram apagados pela mãe enérgica da revolução, é que a imaginação pública mais se preocupa do passado, é que a literatura abandona as dissertações de sentimentos e paixões artificiais, o simbolismo quase ridículo da Arcádia, para conhecer e meditar as páginas da nossa história, e restituir às épocas desvanecidas a sua significação social e política (Jornal *A Revolução de Setembro* de 24 de junho de 1855).

Ele prossegue com seu julgamento, redarguindo que o regime absolutista “perdera a inteligência do que fora: era um velho ao mesmo tempo cínico e devoto” (Jornal *A Revolução de Setembro* de 24 de junho de 1855), não havendo, portanto, a possibilidade de a literatura dessa época ser “intérprete de ideias” ou de procurar “introduzir sentimentos e paixões, que há muito haviam expirado no peito dessa sociedade frívola, descuidosa e ignorante” (Jornal *A Revolução de Setembro* de 24 de junho de 1855). Segundo sua perspectiva, a literatura dessa época era o retrato do absolutismo: “a poesia vivia sem ideias como o governo sem aspirações” (Jornal *A Revolução de Setembro* de 24 de junho de 1855).

Durante o período absolutista, segundo Mendonça, não houve grandes avanços; o país vivia como em um “sono profundo”. O autor contrasta passado e presente em Portugal: “É banal já o lamentar a extrema decadência da nossa pátria, a imensidade do seu abatimento, que contrasta com admirável esplendor do seu glorioso passado” (MENDONÇA, 1852, p. 26). A sociedade portuguesa, segundo ele, “jaz há dois séculos moribunda e abatida: o seu testamento de glória é um poema, cujo autor ele deixou morrer de fome num hospital” (MENDONÇA, 1852-53, Carta prefácio), referindo-se a Camões.

Em artigo de agosto de 1855, rebate as críticas ao governo liberal, do qual, a essa altura, já se tinha aproximado:

O governo liberal podia e devia ter feito mais pela civilização. Mas como é que em tantos anos de paz, na posse de uma autoridade indisputada, vendo as naus dos quintos aportar ao reino com tão preciosos e avantajados cabedais, o absolutismo não nos legou uma estrada, não fundou uma instituição de crédito, não criou nenhum elemento de riqueza, e apenas fazia sentir a sua acção governativa arrecadando os dízimos e as alcavalas fazendo pesar sobre as sociedades um sistema iníquo de imposto, oprimindo ao invés de favorecer todos os estímulos de desenvolvimento, e

todas as fontes de produção? (Jornal *A Revolução de Setembro* de 7 de agosto de 1855).

Em *O último amor*, conto publicado na *Revista Universal Lisbonense* em 1849, entremeado ao estilo muitas vezes empolado e à história de Eugénia – uma jovem que, iludida, se casa com um homem mais velho, mas logo sente o peso da diferença de idade e torna-se infeliz com sua relação – apreendem-se, também, inserções do discurso político e crítico de Lopes de Mendonça, mormente em relação àquela sociedade dominada pelo apreço aos bens materiais.

Já no primeiro parágrafo do texto, percebemos, no discurso do narrador, muito do próprio Lopes de Mendonça, que sentiu, durante toda a vida, o peso de ser relegado por sua origem e de carregar o gênio do escritor em meio a essa sociedade que valoriza as aparências acima de tudo.

Nascer com uma alma de apóstolo, e um coração de poeta, e sentir-se esmagado pelo mundo das convenções, respirando penosamente este ar viciado pelo cálculo, e pela ironia do cepticismo; caminhar mutilado e padecente entre as amarguras duma existência imposta, para se ver o homem detestado dos invejosos, e escarnecido dos tolos, é na verdade uma cruz, perante cujo peso recua a mais provada coragem (MENDONÇA, 2007, p. 7).

Mais ao fim, ele prossegue, batendo-se, mais uma vez, contra o mundo puramente material e corruptor:

não é declamação banal, o oiro é o deus desta geração. A sua influência está determinada nos hábitos, nas leis, e nas ideas sociais. A classe média substituiu ao orgulho de raça as vaidades da riqueza – ao poder da força, a tirania dos capitais. [...]

Perdidas todas as ideas de grandeza e de glória, o horizonte da ambição circunscreve-se ao desejo dos gozos. É como se explica essa corrupção declarada, que invade e prostitui os indivíduos (MENDONÇA, 2007, p. 48).

Na obra *Recordações de Itália*, continuam as demonstrações de contrariedade à compra de títulos nobiliários: “A nobreza hoje compra-se com dinheiro: os velhos nomes aristocráticos ou desaparecem pela ação do tempo, ou se apagam pela longa inação de gerações degeneradas” (MENDONÇA, 1852-53, Carta prefácio). Ainda sobre o argentarismo no Portugal do Dezenove, afirma:

sem ironia, se os barões fossem Pedrocchi, e houvesse algum raio artístico na cabeça desses mercieiros, que fazem governo, e dão as cartas nesta *banca*, Portugal seria outra coisa que não é, Lisboa teria deixado de ser uma cidade balcão, como a construiu o marquês de Pombal, e uma cidade-pucilga, como a herdamos de Pedro II e D. João V (MENDONÇA, 1852, p. 84).

As *Recordações de Itália* são a reunião dos artigos escritos após uma viagem, publicados na *Revista Universal Lisbonense* e em *A Semana* e, mais tarde, reunidos em livro. Foi considerada por muitos críticos a obra mais primorosa de A. P. Lopes de Mendonça. Nela Mendonça se debruça sobre temas variados e descreve paisagens e cidades da península itálica.

Distante do seu país, ele parece adquirir distanciamento crítico para avaliar com maior clareza a situação política em Portugal, fazendo comparações com os avanços que presencia em território italiano, questionando, muitas vezes, por que Portugal já não tem grande peso político no quadro de forças europeu.

Durante o passeio de comboio, deslumbra-se com a imponência da construção: “Uma estação de caminho de ferro na Lombardia é mais do que um edifício industrial, é um suntuoso monumento. São soberbas e elegantes colunas, que amparam os tetos” (MENDONÇA, 1852, p. 172).

A partir de seu comentário a respeito da sensação de viajar de comboio pela primeira vez, nessa mesma estação, talvez caiba um paralelo com sua vida: “A primeira vez que um homem se sente impelido com aquela incrível velocidade, tem, a um tempo, o sentimento de um vago terror, e uma inspiração sobre-humana de orgulho” (MENDONÇA, 1852, p. 173). Essa sensação parece a mesma, de um temor orgulhoso, que Mendonça deveria sentir pela opção de vida que fez: de fazer uma obra literária de combate e não de mero entretenimento e deleite dos chamados elegantes.

REFERÊNCIAS:

Jornal consultado:

A Revolução de Setembro – 1846 a 1857.

Obras:

CHAGAS, Manuel Pinheiro. *Ensaio Crítico*. Porto: Em casa de viúva Moré, 1866.

COELHO, Jacinto do Prado. "A. P. Lopes de Mendonça". In: SIMÕES, João Gaspar (dir.). *Perspectiva da Literatura Portuguesa do século XIX*. Lisboa: Edições Ática, 1947. 2 vols.

_____. (dir.). *Dicionário de Literatura*. vol I. Porto: Figueirinhas, 1969.

_____. "Um crítico do Romantismo: António Pedro Lopes de Mendonça". In: *A letra e o leitor*. Lisboa: Portugália editora, 1969.

DAVID, Sérgio Nazar. "A. P. Lopes de Mendonça e o jornal *A Revolução de Setembro*". In: DAVID, Sérgio Nazar et alii (org.). *Literatura, política e história em Portugal (1820-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a.

_____. *O século de Silvestre da Silva: estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Prefácio, 2007b.

HOURCADE, Pierre. "Lopes de Mendonça". In.: *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

LOPES, Óscar; SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*. 5. ed. Porto: Porto Editora, 1969.

MACHADO, Álvaro Manuel et alii. *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Alfa, 2003.

MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal – O Liberalismo (1807-1890)* vol. V. Lisboa: Estampa, s. d.

MENDONÇA, A. P. Lopes. *Ensaio de crítica e litteratura*. (s.l.) : (s.n.) , 1849.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias de litteratura contemporanea*. (s.l.): (s.n.), 1855.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias d'um doido*. 3. ed. Lisboa: Empresa Lusitana Editora, s./d.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Recordações de Italia*. Lisboa: Typographia da Revista Popular, 1852-53.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *O último amor*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

PATO, Bulhão. *Sob os ciprestes – Vida íntima de homens ilustres*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1877.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Teorias e teses literárias de António Pedro Lopes de Mendonça*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1980.

SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. vol. VI. Porto: Figueirinhas, 1984.

_____. (org.). *Liberalismo, socialismo e republicanismo* – Antologia do pensamento político português. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo primeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

Recebido em 03 de maio de 2015

Aceito em 25 de junho de 2015

Como citar este artigo:

BONFIM, Julianna de Souza Cardoso. “A perspectiva política de A. P. Lopes de Mendonça nas páginas da *Revolução de Setembro*”. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 20, jan.-jun. 2015, p. 186-199. Disponível em:
<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num20/estudos/palimpsesto20estudos04.pdf>.
Acesso em: *dd.mm.aaaa*. ISSN: 1809-3507

¹ Pasteleiro é um termo pejorativo usado para designar os liberais moderados